

distribuição gratuita

Que Trem é Esse ?



zine nº 01 | dezembro 2021

GIRL POWER KTA

CONHEÇA HONORINA VENTANIA
UMA MULHER INCRÍVEL
QUE FEZ HISTÓRIA
EM CATAGUASES

NESTA EDIÇÃO

TEXTOS LITERÁRIOS
E ILUSTRAÇÕES
DE ARTISTAS DA
ZONA DA MATA
MINEIRA

O PARADOXO DO FIM DO MUNDO

O APOCALIPSE CHEGOU E VOCÊ NEM PERCEBEU

ESSA OBRA É LICENCIADA POR UMA LICENÇA CREATIVE COMMONS



Este trabalho está licenciado sob a Licença Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional Creative Commons. Para visualizar uma cópia desta licença, visite

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional
(CC BY-NC-ND 4.0)



Você tem o direito de:



Compartilhar – copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato



Atribuição – Você deve dar o crédito apropriado, prover um link para a licença e indicar se mudanças foram feitas. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de nenhuma maneira que sugira que o licenciante apoia você ou o seu uso.



NãoComercial – Você não pode usar o material para fins comerciais.



SemDerivações – Se você remixar, transformar ou criar a partir do material, você não pode distribuir o material modificado.

SUMÁRIO

O PARADOXO DO FIM DO MUNDO	02
GIRL POWER KTA	04
QUANDO EU SENTAR NA MESA DO BAR	06
DO AMOR AZUL	07
POR DO SOL DUM VULCÃO	08
A ESPERANÇA A DERIVA	09
PÓS-PANDEMIA: ESTAMOS PRONTOS?	10
CONTATO CONTADO	11
FANFICS: RECRIANDO MUNDOS	12
A VIDA QUE SEGUIU, SEGUIRÁ?	14
OS NOVOS SERES HUMANOS PÓS-PANDEMIA	16
TEU NOME SOBRE AS ASAS DO VENTO	17
O PODER DA TRANSFORMAÇÃO	18
SENSIBILIDADE PARA ARTE VAI TER?	19
NÃO HÁ BARREIRAS PARA VIDA	20

O Paradoxo do Fim do Mundo

O fim do mundo
muda tudo, sem
tempo de mudar
nada.

Escolheram uma data para o que os mortais chamam de 'fim do mundo'. Tivemos uma data em 2012, uma na virada do século XX para o XXI, e tantas outras. Não sei explicar o motivo dessas datas, nem posso imaginar qual foi a primeira nem supor qual será a última premonição do apocalipse. Definiram-na assim, o fim do mundo, sem mais detalhes, sem especificação.

E como será o fim do mundo? Também outro dado que fica a critério da nossa especulação. Será bem apocalíptico como nos filmes de ficção científica, com fogo e lava ou com terremotos e ondas gigantes? Será que o mundo vai acabar sendo destruído pelas guerras nucleares ou será por uma invasão alienígena? Quem sabe algo que envolva o núcleo da Terra ou criaturas submarinas ainda não conhecidas no oceano.

É tarde demais. Quando você se dá conta que nunca ouviu de verdade a melodia da sua canção preferida, que nunca sentiu o prazer de cantar em voz alta na rua, de dançar sobre o julgamento da sociedade. Que nunca se sentiu livre para amar alguém como deve ser amado, e se dá conta que vai pensar sobre essa frase até a sua vida acabar. Quando você se dá conta, já chegou o dia, mas você não sabe a hora, então você corre, você se apressa pra fazer as coisas que quer fazer, dizer o que quer dizer, ser quem você quer ser, mas você não aproveita, porque tem que fazer tudo rápido demais, você não sabe que horas a vida vai acabar, então resta o caos, o caos, o único veneno que corrói as sólidas e engessadas estruturas da sociedade.

Mas a grande questão, que permeia toda essa conversa, é se no fim você vai dizer que valeu a pena, se faria tudo de novo ou se tivesse uma nova chance faria tudo diferente. E aí, na manhã seguinte em que o mundo não acabar, você, misteriosamente, esquece todas essas questões e reflexões, e volta a viver a sua vidinha, do jeito que sempre fez. Como eu sei? Você fez isso no último fim do mundo, lembra?

E antes disso tudo, enquanto você se prepara para o próximo fim do mundo, no mundo atual temos um cenário de golpes políticos, crises econômicas, mudanças climáticas, crises hídricas e energéticas, aumento da fome, desemprego. É apagão no Amapá, é incêndios no Pantanal, é ameaça de terceira guerra mundial, é golpe, e pá! Pandemia mundial: lockdown, milhões de mortes, gente estocando álcool gel, gente fazendo fila pra comprar osso pra comer... O que foi que aconteceu?

Eu te digo:

O apocalipse chegou e você nem percebeu!

E apesar de toda a tragédia, uma coisa não pode ser negada. O mundo acaba todo dia, toda vez que a morte nos leva alguém amado. O mundo acaba toda vez que uma vida é interrompida. Nós lamentamos a perda e pensamos: essa alma ainda tinha muito o que viver e fazer. O mundo está acabando todos os dias, um dia de cada vez. Não por um meteoro aleatório no universo que atinge nosso planeta. O mundo pode acabar por um acidente de ônibus, por uma pedra nos rins, por uma bala perdida ou por uma pandemia mundial.

E você? Vai esperar mais o que para viver como se o mundo fosse acabar amanhã? Porque, no final das contas, você não sabe se ele vai.

GIRL POWER

K T A

Você pode ter até ouvido alguém falar em Girl Power, como uma frase de empoderamento feminino, mas será que conhece a história por trás desse termo?

Girl Power é um movimento cultural, um estilo de vida, que estourou na década de 1990, popularizado pela Girl Band britânica Spice Girls. Com uma proposta de empoderamento feminino e valorização da mulher, o movimento estimula a independência, confiança, autonomia, união e autoestima das mulheres.

O termo, como frase de ordem, é a forma mais básica de falar de feminismo, expressando força e união feminina. Ainda hoje, é muito utilizado na moda, na música, cinema e literatura.

Apesar de ter ganhado o mundo nos anos 90, antes disso, muitas mulheres do mundo todo já desafiavam a sociedade machista e faziam história, tanto em grandes centros urbanos, quanto em pequenas cidades do interior.

GIRL POWER KTA HONORINA VENTANIA



Em Cataguases, cidade no interior de Minas Gerais, no final do século XIX nascia Honorina Ventania, que ganharia destaque como ótima pianista e cantora soprano, mas principalmente, por ter sido a primeira mulher em Cataguases a se tornar professora.

Em 1906, Honorina ensinava em uma escola primária no município e a partir de 1913, passou a lecionar no Grupo Escolar Coronel Vieira. Tinha um estilo de ensino perfeccionista, conforme relatos de colegas de trabalho e antigos discentes, sempre trazendo muita energia para seus estudantes.

Faleceu em 1962, no Rio de Janeiro, onde morava desde 1919 com seu marido, também professor, Eurico Rabelo, com quem fundou duas escolas na cidade do Rio.

Também como musicista, Honorina entraria para a história, ao participar de um dos momentos mais significativos para o desenvolvimento de Cataguases, cantando o Hino municipal, na inauguração da luz elétrica na cidade, em 1908.

Em sua homenagem, o palco do Anfiteatro Ivan Müller Botelho leva seu nome, um palco que inspira e motiva artistas locais e nacionais que se apresentam nele.

Como a primeira mulher professora de Cataguases e como artista, Honorina Ventania fez parte da construção da história de Cataguases e sua memória serve de inspiração para meninas e mulheres até os dias de hoje.

QUANDO EU SENTAR NA MESA DO BAR

Bruno Montezano
Muriaé

Um amigo ligou me convidando para ir no bar do Seu Zé tomar uma. Fui obrigado, não sem relutância, a negar. Lá estaria muito cheio e ainda não estou imunizado. Sentei no sofá e fiquei pensativo. Quando eu puder sentar naquela mesa de plástico, prometo que vou. Sozinho ou acompanhado. Vou puxar a cadeira, chamar o garçom pelo apelido mais informal possível, perguntar qual é a mais barata antes de perguntar qual está mais gelada e vou ficar ali. Parado. Só por estar. O lado bom de ser mineiro é que a prosa é institucionalizada. Aproveitarei todas essas pequenas oportunidades que o ambiente do bar proporciona. Quando a cerveja chegar, brindarei, sozinho ou acompanhado, com a garrafa para então sentir a temperatura da cabeça baixar instantaneamente. E o carnaval então? Nem fale de carnaval. O próximo vai ser o maior e o mais longo. O carnaval da vitória. Vou passar ao menos três dias na rua. Mononucleose será o de menos. E o São João? Vou dançar forró até o pé formar calo. Tomar quentão e andar na brasa. Como diria o poeta, “vivão e vivendo”. Quando isso passar vou a forra. Quando isso passar vou a farra.

DO AMOR AZUL

Gabriela Frossard

Juiz de Fora

 @gabicfrossard

Designer na Encanta ambientes, mestra e curiosa sobre as coisas do mundo. Acredito nas pessoas! Nas horas vagas, escrevo para ver melhor as coisas da gente e da vida.

O amor de todo dia tem uma mistura de clichê com lista de mercado. Te amo, esqueci a roupa na máquina. Esse acordar e sentir que é aqui. Sempre achei os casamentos chatos, preferia aniversários. Cerimônias bonitas acontecem de dentro pra fora, que nem amar. Outro dia entrei numa viagem e me apaixonei pela casa e pelo João. Um raio que cai no mesmo lugar, de um jeito bom. Hoje, bebendo chá e vendo a parede cheia de quadros e bolinhas azuis, percebi que a soma de quem fui, se acolhe aqui. No que é físico e no que não toco com a mão. A gente é cheio de 'queria' guardado. E quando para pro respiro, vê que tem presente em abundância. O que mora no cotidiano, de vez em sempre, gosta de ser olhado com mais paixão. Por isso texto. Por isso me transbordo. Tem um trecho que diz assim: "As coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis. Elas desejam ser olhadas de azul - Que nem uma criança que você olha de ave". E penso que é assim mesmo, como disse Manoel (de Barros).

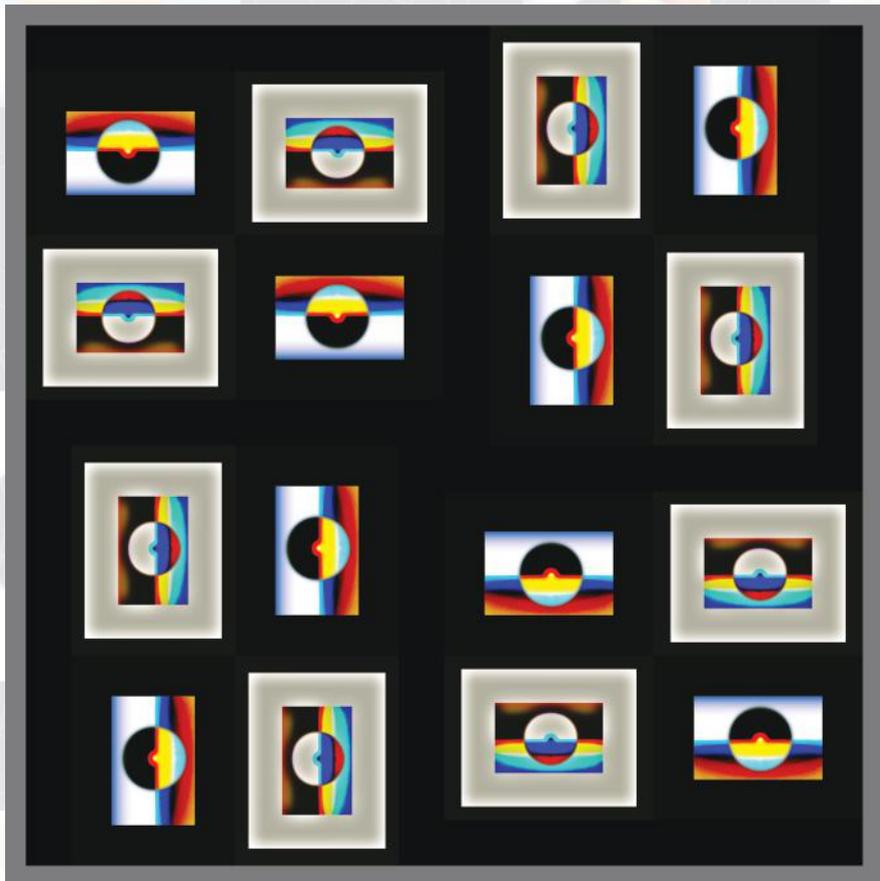
PÔR DO SOL DUM VULCÃO

Thiago P. Nunes

Cataguases

munduspartum.blogspot.com

Biólogo e Ecólogo formado em Portugal, vive no Brasil, estilo de escrita Sebastianista, causa da lusofonia e outras artes de desenhos abstratos, fotografia, comunicação ambiental, social e mundana.



A ESPERANÇA À DERIVA

Felipe de Andrade Vieira

Cataguases

 @felipeav42

Desde pequeno sempre se interessou por animações, quadrinhos e principalmente rabiscar o que quer que fosse em suas histórias mirabolantes.



PÓS-PANDEMIA: ESTAMOS PRONTOS?

Thaiany Moura de Melo

Cataguases

 @thaiany_moura

Amante da música, da ciência e das artes. Autora de textos por hobby, ávida por conhecimento e fã de documentários sobre ciência política.

Muito se fala no mundo pós-pandemia, mas será que estamos prontos? Será que depois de quase 2 anos trancafiados em casa, sem ver ninguém, ainda temos o tato necessário para conviver com outras pessoas?

A vida solitária para muitos é boa. Chegar em casa e não ter que dividir a TV ou sua poltrona favorita são algumas das melhores coisas para certas pessoas. Por outro lado, há quem não goste de ficar sozinho e teve de engolir esse fardo durante a pandemia. É fato que as taxas de depressão, ansiedade e alcoolismo cresceram durante esses 2 anos, mas não se pode dizer que todo mundo estava triste e se sentindo solitário em casa.

Por isso, com a volta de nossa liberdade para ir e vir, ainda que com muito cuidado, é preciso pensar no outro. Ninguém é igual e cada um sabe das dores que carrega. Tenha empatia com o amigo que não quer sair e paciência com aquele que te solta uma frase atravessada na mesa do bar. Estamos todos reaprendendo a socializar. Vai levar um tempo, mas vamos ficar bem.

CONTATO CONTADO

Caio F. Ramalho

Muriaé

 @caioramalho_pagliacci

Estudante de letras e completamente apaixonado pelas palavras e por seu poder.

Acordo cedo em mais uma manhã de quarta, segunda, domingo, não importa, todas são iguais.

Vou ao banheiro, lavo o rosto e tomo minhas pílulas, setenta e cinco miligramas, todas as manhãs, por tempo indeterminado. Preparo o café, preto e sem açúcar.

Me sento ao computador. Logo mais, reuniões, pessoas emuladas na tela de luz azul.

Há tempos não escuto a voz humana, pura, sem interferência dos dispositivos, que dão um toque robótico.

Trim! Toca o telefone, algum parente perguntando como estou, digo que bem e que irei visitá-lo assim que possível. Como poderia ir, mesmo se quisesse?

Me vejo, por vezes, como um animal arisco, como os que via na TV quando criança, apavorados com o toque, se recolhiam em seus covis.

Penso se poderei abraçar, tocar, beijar, penso se o calor humano, o tão falado calor humano, será capaz de derreter o visco formado.

Um dia, terei as respostas das minhas hipóteses e angústias. A campainha toca, deve ser o entregador de jornais.

FANFICS: RECRIANDO MUNDOS

Fanfic é uma abreviação de fanfiction, é um gênero literário ficcional criado por fãs, que se inspiram em um livro, filme, série, anime, dorama, HQ, game, celebridade, etc. As fanfics se popularizaram em plataformas online, e tem um número incrível tanto de pessoas criando quanto de pessoas que consomem fanfics. É uma ótima forma de incentivar a prática da leitura e a prática da escrita.

Apesar de ter começado com literatura, as fanfics tiveram tanta popularidade na internet, que ganharam novas adaptações, como as fanarts, que são ilustrações e quadrinhos, as manips, que são montagens com fotos de personagens ou celebridades e, é claro, fanvideos, que são montagens em vídeos.



fanart do anime/game Pokémon

As fanfics se constituem como desdobramento de uma história, gerando uma história nova, ambientada no mesmo cenário e com os mesmos personagens – podendo-se até criar novos personagens – tendo como principal diferença, a construção da narrativa, que pode alterar completamente o rumo da história – o futuro, o presente e/ou o passado – e as relações entre os personagens. É a inserção dos membros do fandom nos processos criativos da história.

Algumas fanfics romperam as barreiras da internet e se tornaram best-sellers e ganharam até adaptação para cinema, como *50 tons de cinza*, que é uma fanfic de *Crepúsculo* e *After*, livro de Anna Todd, que é uma fanfic criada sobre a banda One Direction.

Apesar do sucesso na internet, fanfic não é uma invenção da pós-modernidade. Até *Romeu e Julieta*, clássica peça de Shakespeare, na verdade, é uma fanfic do livro de Arthur Brook, chamado *A trágica história de Romeu e Julieta*, lançado em 1562.

A fanfic possibilita uma grande liberdade para o criador-espectador. Há quem diga que fanfic é uma terra sem lei, porque tudo é possível. Eu chamaria de legião de resistência, que continua no ciclo contínuo de criar e recriar possibilidades num mundo limitado por suas próprias amarras sociais, que invadem os universos fictícios. Fanfic se trata da chance de arrumar o mundo fictício, do seu próprio jeito, com sua própria perspectiva.

Os universos das fanfics criam, reinventam, reimaginam e aumentam os pontos de vistas sobre uma história. Em planos imaginários, ou reais, enxergar o mundo sobre outro ângulo, pode ser uma experiência transformadora.

“O mundo pode ser muito pequeno, se você limitá-lo ao que você conhece”

Yuuko Ichihara

personagem ficcional do anime/mangá xxxHolic

A VIDA QUE SEGUIU, SEGUIRÁ?

A Covid-19 nos fez pensar muito sobre o mundo após a pandemia. Se voltaremos a viver e agir como fazíamos antes, como vamos interagir com outros seres humanos fora da tela de nossos computadores ou celulares. Será que ainda sabemos nos abraçar? A nossa vida, como conhecemos parou, durante esse período. Mas confesso que o que mais rondou a minha cabeça foi sobre nossa relação com a vida que seguiu.

Durante o primeiro lockdown, tivemos indícios de um início de equilíbrio no ecossistema: no canal de Veneza, golfinhos são avistados pela primeira vez, porque pela primeira vez, não haviam turistas. Com a redução de carros e ônibus nas ruas, São Paulo vê um céu limpo, e o mundo inteiro tem uma queda significativa na emissão de carbono. Tamanduás passeando por todas as regiões do país. Diversas espécies de aves são avistadas e ouvidas no Rio de Janeiro. Onça parda e até um gato-do-mato-pequeno, que está ameaçado de extinção, foi visto em Petrópolis.

A ausência de seres humanos nas ruas, por causa da pandemia, reduziu a poluição das águas, da terra e do céu, permitindo que outras formas de vida não se sentissem ameaçadas e pudessem circular, permitindo que outras formas de vida pudessem seguir. Essa é a constatação de que nossa existência é completamente desarmônica com a natureza. Nós somos o desequilíbrio do ecossistema.

E com a volta dos seres humanos, será que as outras formas de vida vão estar seguras? Como poderíamos harmonizar nossas relações? De que forma poderíamos pensar em coexistir no mesmo mundo, sem sermos elementos tóxicos para outras formas de vida (humanas ou não)?

Nosso consumo de alimentos, de água, de energia elétrica, de veículos e transportes, nossa produção de resíduos (lixo), nossa escolha por embalagem no mercado, tudo isso, pode ser revisto, tendo em vista os impactos que isso pode ter no meio ambiente. Inclusive, para onde vamos depois da nossa morte.

Após a morte, usamos um caixão, feito de madeira de árvores que são desmatadas, árvores que levam até 40 anos para crescer. Após isso, somos levados para um cemitério, que provavelmente é uma área que foi desmatada e cimentada para acomodá-lo, e por fim, nossos corpos em decomposição podem contaminar o solo e os lençóis freáticos. Ou seja, até depois de mortos estão causando prejuízos para o meio ambiente.



Pensando num pós-vida mais harmônico, foi criado um projeto na Itália chamado de Capsula Mundi. Uma urna em formato oval, 100% biodegradável, no qual o corpo é colocado e enterrado no solo, como uma semente, e acima dele é plantada uma árvore. O material do qual é feito somados ao corpo fornece nutrientes para o crescimento da árvore.

Ao invés de um cemitério de cimento, visitaríamos nossos entes falecidos em florestas sagradas. Dessa forma, uma vida seria alimentada pela vida que partiu. O ciclo da vida perfeito, infinito, poético, harmônico.

A Capsula Mundi ainda é um sonho, já que projeto ainda não foi regulamentado na maioria dos países. Mas enquanto isso, sustentabilidade deve ser pensada como um estilo de vida, algo que pode ser adotado no nosso cotidiano. Ainda não podemos ser enterrados como sementes, mas podemos plantar a semente da mudança nos nossos hábitos e práticas diárias, enquanto estamos vivos e o planeta também.

OS NOVOS SERES HUMANOS PÓS-PANDEMIA

Andreza Martins Caetano

Rodeiro

 @andrezamartins.escritora

Jornalista por formação e escritora por vocação.

Sua missão é transformar sonhos em realidade através dos livros. No Instagram, divulga suas obras, seu processo e empodera novos escritores.

2020 foi um ano caótico demais para ser esquecido, é verdade.

Vamos nos lembrar para sempre do tempo em que ficamos longe das pessoas que amamos, em que precisamos nos esconder em casa para nossa proteção. O Home Office, claro, como esquecer dele. Nossa casa nunca mais será a mesma depois de descobrir que dá pra trabalhar de lá. Parece que o futuro chegou de uma vez só, não deu tempo de processar, lives, shows, zoom. A nossa cabeça é uma só, não dá pra fazer um novo curso, meditar e cantar sertanejo ao mesmo tempo.

Os velhos tempos foram ontem, mas parece que fazem anos. No começo, depois do medo e do caos, até pensamos que as coisas iriam melhorar rápido e quando melhorasse, nós jamais seríamos os mesmos. Impossível passar por tanta calamidade, medo, inseguranças e instabilidades sem aprendermos a ser melhores.

Será mesmo?

Pensar no coletivo, não parece estranho falar isso?

Quer dizer, a gente ainda não está em pandemia enquanto eu escrevo este texto?

TEU NOME SOBRE AS ASAS DO VENTO

Renata Aparecida Cortes Pinheiro

Juiz de Fora

 @autoratransa

Nasci em Muriaé e resido em Juiz de Fora. Acordar viva todos os dias é sempre um amanhecer pós-apocalíptico. Sujo o chão de palavra com frequência. Vivo e faço poesia travesti.

**Enquanto nossos corpos,
separados,
se desconectam,
eu, feito ave selvagem,
galopo rajadas furiosas de vento**

**e na turbulência do calor febril do desejo,
aborbulho em lodacenta luz verde
ao soar o piar mais aterrorizante de todas as
aves, o meu.**

**Um grito de amor e desejo sobre a imensidão do
abismo, vazio.**

O PODER DA TRANSFORMAÇÃO

Vitor Costa
Cataguases

 @vitoxarte

Sou o Vitor Costa, tenho 18 anos e sou conhecido como Vitox.



SENSIBILIDADE PRA ARTE VAI TER?

Nalu Gonzaga,
Juiz de Fora

 @nalugonzagaa

duas moças
numa praça
de são joão
del rei
conversavam
sorridentes
e se via
pelos dentes
pois a distância
que tomaram
do cara
do violino
permitiam
que as máscaras
fossem
por um tempo
deixadas
de lado
e o violinista
de pé
musicava
mascarado
se sorria
só se sabe
pelo zóios

apertados
as duas moças
no banco
se perguntavam:
- quando isso
acabar
isso
de se mascarar
será que
vão se
desmontar
os disfarces
casuais?
aqueles
que usavam
as pessoas
que
não ligavam
nem se quer
aplaudiam
se quer
admiravam
o violino
tão oportuno
tão bonito

violinista
tão gatuno
na praça
tão romântica
de são joão
del rei
e mesmo nesse
romantismo
havia quem
se dispensava
de sentir
a arte nata
de um artista
de rua
tão perigosa
doentia
viral
de um artista
na rua
correndo
perigo
de doença
viral
muitos
não entenderam

da tal
magnitude
de ter
um musicista
num momento
tão oportuno
as duas moças
na praça
entristecidas
perguntavam:
- onde está
a sensibilidade
pela causa
apocalíptica
de que tanto
falaram?

NÃO HÁ BARREIRAS PARA VIDA

Tomás Pinheiro de Matos
Cataguases

 @tomasmatos._



Foto Vencedora do Concurso de Fotografia
'Esperança é Energia' do Museu Energisa em 2021

Editora-chefe e Redação

Carla Luã Eloi

Produção

Fundação Ormeo Junqueira Botelho

Mantenedora

Energisa

Equipe da Fundação Ormeo Junqueira Botelho

Carla Luã Eloi

Patrícia Paula

Rafael Ventura

Sebastião de Barros (Neném)

Projeto Gráfico e Diagramação

Carla Luã Eloi

Imagens

Pxfuel.com

Pxhere.com

Pixabay.com

Capsulamundi.it

distribuição gratuita

Que Trem é Esse ?



DEZEMBRO DE 2021



realização

Fundação Cultural
Ormeo Junqueira Botelho

mantenedora

